

O ENGENDRAMENTO DE *CONCEITOS* EM LINGUAGENS DE ESPECIALIDADE, EM DISCURSOS LITERÁRIOS E EM DISCURSOS SOCIAIS NÃO-LITERÁRIOS

Maria Aparecida Barbosa (USP)

RESUMO

Este trabalho propõe-se a examinar aspectos importantes dos níveis conceptual, lexemático e terminológico do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação. O estudo das estruturas e funções das unidades-padrão do plano cognitivo e do plano semiótico tem grande relevância, no âmbito das pesquisas lexicológicas, semânticas e terminológicas. São analisadas, aqui, de um lado, a complexidade estrutural e funcional dos *constructos* do primeiro nível – *arquiconceito*, *metaconceito*, *metametaconceito*, com vistas à proposição de uma tipologia de campos conceituais; de outro, são examinadas diferenças conceituais e metodológicas entre conceito e definição, enquanto subsídios para a metodologia de configuração de traços semântico-conceptuais de um conceito.

UNITERMOS: Arquiconceito; Conceito; Metaconceito

0. INTRODUÇÃO

A articulação entre a semântica cognitiva e a semântica lingüística tornou-se um dos paradigmas das ciências da linguagem, em sua fase pós-moderna. Acreditamos, pois, da maior importância o desenvolvimento de modelos que possibilitem analisar e descrever o patamar da *cognição* e suas relações com o patamar da *semiotização* lingüística, especificamente, neste artigo, com o da *terminologização* (Barbosa, 1998a: 25-44).

Assim, nós nos propusemos, neste trabalho, a examinar aspectos importantes dos níveis conceptual, lexemático e terminológico do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação. Analisamos, aqui, de um lado, a complexidade estrutural e funcional dos *constructos* do primeiro nível – *arquiconceito*, *metaconceito*, *metametaconceito* -; de outro, examinamos diferenças conceituais e metodológicas entre os processos de conceituar e de definir, de modo a obter subsídios, para uma metodologia de configuração dos traços semântico-conceptuais de um *conceito*. Isso torna possível, ainda, a caracterização de diferentes tipos de contextos, discursos manifestados em que são engendrados *conceitos*, por distintos processos. Tais contextos constituem as principais fontes de

que são extraídos os correspondentes traços semântico-conceptuais. Com efeito, é na instância discursiva que se produz a *cognição* e a *semiose*, se instaura a *conceptualização* de um ‘fato’, se engendra um *conceito* e sua manifestação lingüística. É no discurso manifestado, pois, que se presentificam os traços conceptuais, num procedimento de codificação; e é dele que se extraem, num procedimento de investigação, esses mesmos traços.

1. A FORMAÇÃO DO CONCEITO EM DISCURSOS DE DIFERENTES NATUREZAS

Analisando os contextos que sustentam e manifestam a complexa formação do *conceito*, no caso discurso técnico-científico, contextos constituídos de textos de especialistas e da mídia-, de que se extraem os traços conceptuais, formadores de tal *conceito*, ou no caso do discurso literário, ou, ainda, no caso de diferentes discursos sociais não-literários, verifica-se, como dissemos no item anterior, que alguns desses contextos privilegiam o *conceito stricto sensu*, outros, o *metaconceito* e, outros, enfim, o *metametaconceito*, sempre numa relação dialética de presentificação dos traços já existentes no sistema e a incorporação de novos traços decorrentes das circunstâncias específicas da enunciação e do enunciado em causa.

Com efeito, em cada universo de discurso o *processo de engendramento do conceito* tem aspectos bastante específicos, que requereriam um exame minucioso, já que esse *processo*, ao lado de outras *marcas*, pode ser um caracterizador importante de universos de discurso, enquanto classes de discurso, ou de discursos manifestados. Desse modo, o *processo* de neles enfatizar, ou o *conceito stricto sensu*, ou o *metaconceito*, ou o *metametaconceito*, bem como o *processo de criação* desses subconjuntos conceptuais, nesses universos, ao longo do percurso realizado pelo enunciador do discurso em questão, nas etapas da enunciação – da *cognição* à *semiose* -, constituem diferenciadores relevantes de cada um deles. Apenas esses dois aspectos serão aqui considerados, pois o exame exaustivo de todas as marcas dos universos de discurso escaparia aos limites deste artigo.

Antes, porém, parece-nos necessário retomar, neste momento, a concepção de universo de discurso tal como formalizada por Pais:

Tomando-se a noção matemática de universo, como “conjunto de todas as partes”, torna-se possível elaborar uma concepção muito útil, o metamodelo de universo de discurso. Assim, este pode ser definido como um conjunto não-finito ou que tende ad infinitum, de todos os discursos manifestados que apresentam determinadas características e constantes, assim como determinadas coerções, suscetíveis de configurar uma norma. (...) A norma discursiva que lhe corresponde, definida por tais características comuns e constantes, bem como por tais coerções, configura, portanto, um conjunto de critérios de equivalência, pelos quais é lícito reunir diferentes discursos manifestados, discursos-ocorrências, numa classe de equivalência discursiva, o universo de discurso considerado. Essa norma é dinâmica, seja porque se reformula continuamente, ao longo do eixo da História, seja porque sofre a interferência de normas de outros universos de discurso. O sujeito falante-ouvinte dela tem ou pode ter uma noção intuitiva, ao passo que, do ângulo científico, assume sempre um valor estatístico (constantes em relação a variáveis) e nunca imperativo, já que um único e mesmo discurso manifestado poder pertencer simultaneamente a mais de um universo de discurso, como, por exemplo, o científico/pedagógico. Por outro lado, semelhante norma de universo de discurso compreende, na verdade, uma série de normas frásticas, lexicais, sintáticas, semântico-sintáticas e, por vezes, fonético-fonológicas, e outras tantas normas transfrásticas, narrativas e discursivas. Relativas à argumentação, à verificação, à verossimilhança ou à eficácia e às relações entre estas, às concernentes aos mecanismos de persuasão/interpretação, de manipulação e contramanipulação, a formulações específicas das relações enunciado/enunciação, das relações inter-subjetivas e espaço-temporais, como, ainda, as que dizem respeito às modalidades e às modalizações discursivas dominantes, ou às que estariam, em princípio, excluídas, e, enfim, aos processos de produção e sustentação de ideologia próprios aos diferentes universos de discurso (Pais, 1984: 44-45).

A essas normas julgamos necessário acrescentar os dois *processos* acima apontados, ou seja, as normas que se referem, respectivamente, ao *processo de criação do conceito, modus operandi* conceptual (A), instância do discurso em atualização, e ao *processo de seleção das pregnâncias*, na construção do *conceito lato sensu*, que se concluem, como *produto*, no discurso realizado (B), não só em discursos técnico-científicos, como também nos discursos literários e em distintos discursos sociais não-literários.

Vale a pena lembrar as palavras de Greimas, no tocante à organização dos discursos figurativos e não figurativos:

O rápido progresso de nossos conhecimentos sobre a organização dos discursos figurativos (folclore, mitologia, literatura) suscitou esperanças quanto à possibilidade de uma classificação e de uma regulamentação das formas narrativas que dessem lugar a uma gramática e a uma lógica narrativas (...) Reconheceu-se, em seguida, a impossibilidade de construir gramática discursiva que não desse conta, também, dos discursos não figurativos – ou que assim o parecem –, que são os discursos desenvolvidos no vasto domínio das “humanidades”, que desconhecesse os discursos que desenvolvemos nós mesmos em ciências do homem (Greimas, 1976: 3).

Quanto ao processo de construção de um conceito, *modus operandi* conceptual (A), cabe ressaltar, antes de mais nada, que esse processo pode ser “vertical” – do “fato” para o patamar cognitivo –, ou pode ser desencadeado nas relações sintagmáticas de um discurso manifestado, em que o autor vai pouco a pouco construindo, no seu texto, um *conceito* qualquer. No segundo processo, a combinatória das palavras-ocorrência vai paulatinamente configurando o recorte conceptual que o autor tem de um ‘fato’. De outro ângulo, tem-se o percurso que toma como ponto de partida o discurso manifestado, para chegar novamente ao nível conceptual, que caracteriza o *fazer interpretativo do sujeito enunciatário*, ou, noutras palavras, um *processo semasiológico*, do signo para o *conceito*, realizado por quem ouve ou quem lê; qualifica-se, assim também, o percurso lexicográfico-terminográfico, enquanto processo que parte da manifestação do nível lexemático, com as seleções, restrições e combinatórias semânticas estabelecidas em discurso, para, num *metadiscurso* igualmente configurado como *fazer interpretativo*, articular semas representados por *metatermos lexemáticos*, operação de que resulta a *definição*.

Ainda na perspectiva do processo (A), deve-se observar que a construção do *conceito* assume características semânticas, sintáticas, semióticas, pragmáticas diversas, se ocorre nas linguagens de especialidade ou nos discursos literários e ou em outros discursos sociais não-literários: o modo de engendramento de um *conceito* está, pois, em *função do universo de discurso*.

Assinalemos, aqui, uma diferença relevante: no discurso científico, sujeito e anti-sujeito correspondem freqüentemente a interlocutores; no discurso literário, sujeito e anti-sujeito são instalados no texto pelo autor. No discurso científico/tecnológico, o engendramen-

to de um *conceito* geralmente se dá em relações intertextuais/interdiscursivas de vários pesquisadores, simultaneamente à formulação da teoria que o contém; no discurso literário, uma obra pode ser auto-suficiente, no engendramento de um *conceito*, numa intertextualidade intra e interdiscursiva. No discurso técnico-científico, teórico e/ou prático, assim como no discurso literário, o engendramento do conceito é sintagmático, narrativo, transfrástico; no discurso terminológico, é eminentemente paradigmático, como processo e produto final, embora resulte de extrações de contextos de natureza transfrástica.

Quanto ao processo de enunciação, é preciso considerar o papel actancial de Sujeito enunciador. No discurso técnico-científico, converte-se num ator individual e/ou coletivo, que sustenta, de toda maneira, a ‘visão de mundo’, os recortes culturais da comunidade científica e da área de especialidade em causa; no discurso literário, temos via de regra, um Sujeito enunciador que se converte, nas estruturas discursivas, em um ator (o autor, por exemplo, ou seu pseudônimo, ou um ator delegado, etc.); no discurso jornalístico e no discurso político, ainda que se manifeste um ator, este remete ao papel actancial de um sujeito enunciador coletivo, na medida em que deve representar aspirações, expectativas, exigências de um partido político, de uma classe social, de um grupo profissional.

Entretanto, nas relações que se estabelecem entre o *conceito*, no nível semântico-cognitivo, a *tematização* e a *figurativização*, no nível semiótico, como também no próprio processo de enunciação residem, quanto ao processo (A), as principais diferenças entre universos de discurso. De maneira geral, um *conceito* é convertido, no percurso gerativo da enunciação, em *temas*, abstratos, e em *figuras* que dão ‘corpo’, ‘espessura’ à idéia, acentuando seu efeito de sentido de veridicção ou verossimilhança, entendendo-se por tema a semiotização do conceito, por tematização, o processo de construção de idéias abstratas e, por figurativização, o processo de corporificação dessas idéias. Daí resultam as isotopias temáticas e as isotopias figurativas, enquanto processos de redundância sêmica. Nessas condições, um discurso filosófico, por exemplo, *tende* a ser mais abstrato, com maior incidência de isotopias temáticas; um texto literário *tende* a ser mais figurativo, com grande abundância de isotopias figurativas, embora tais distinções jamais sejam excludentes. Noutras

palavras, são efetuados *recortes distintos*, tomando como ponto de partida *conceitos lato sensu*, ‘modelos mentais’. Nos discursos político, jornalístico, publicitário, a (re)elaboração de um conceito, no nível semântico-cognitivo, resulta de um trabalho de equipe, na medida em que busca captar e/ou reconstruir o imaginário coletivo da sociedade ou de um segmento social. O sujeito enunciador do discurso político, por exemplo, geralmente não fala em seu próprio nome mas em nome das diretrizes partidárias e dos interesses que esse partido procura defender. Desse modo, o *processo de cognição*, de contínua reconstrução do ‘saber sobre o mundo’ assume características específicas, visto que se acha intimamente relacionado ao processo de ‘formulação do mundo’, de construção da ‘visão do mundo’ desse grupo, como é o caso, por exemplo, do mundo semioticamente construído pelos grupos políticos que defendem os interesses dos grandes proprietários rurais.

Da mesma forma, distingue-se o engendramento do *conceito* de *medo*, quando tratado num discurso científico como o da clínica médica, ou quando é processado numa tragédia, no teatro.

Assim, também, se pode tomar como pontos de partida, na conceptualização, os *conceitos* de *amor*, *morte*, *felicidade/infelicidade*, *possibilidade/impossibilidade* e conduzir à sua conversão em tema, no nível semiótico, chegando a “amor impossível”. Desse ângulo, é legítimo relacionar *Romeu e Julieta* e *Orfeu Negro*. No entanto, diferenciam-se claramente, no que tange à figurativização, à espacialização, à temporalização, nas estruturas discursivas.

Semelhante análise aplica-se a outro exemplo. O evento “bombardeio do Afeganistão”, tem um núcleo conceptual comum, a que chamaremos um *arquiconceito temático*, resguardadas as diferentes concepções e pregnâncias socioculturais –*metaconceito* - do ‘fato’. Nessas condições, estará contido em diferentes títulos de jornais, como, por exemplo, “Davi e Golias”, “Barbárie contra barbárie”, “Civilização contra barbárie”, dentre outros, cada qual suas especificidades temáticas – correspondentes a pregnâncias do *metamataconceito*, dos semas conceptuais modalizadores -, figurativas, actoriais, espaciais e temporais.

Dessa maneira, o *arquiconceito* (nível conceptual) está contido no tema₁, subjacente ao título₁, no tema₂, subjacente ao título₂ e

assim por diante. Como se vê, tema e título situam-se no nível semiótico.

Quanto a esse aspecto cumpre acrescentar que a *tematização* que se dá no nível discursivo ou de superfície de discursos manifestados e seus correspondentes textos é, sempre, o resultado da conversão, não só das estruturas narrativas e da semântica profunda, parâmetros do percurso gerativo da enunciação, no nível semiótico, mas também e, sobretudo, da *semiotização* (conversão) de um *conceito* (*conceptus*), do nível do metassistema conceptual, pré-lingüístico, pré-semiótico e trans-semiótico.

Desse modo, o *conceito*, enquanto ‘modelo mental’ ou, noutras palavras, enquanto conceptualização de uma experiência, funciona como um *arquiconceito temático* que orienta a *tematização* em diferentes discursos verbais, não-verbais e sincréticos, no interior de determinada cultura ou no âmbito de várias culturas – como foi o caso de *Romeu e Julieta* e de *Orfeu Negro* acima citados. Esse *arquiconceito* pode, é claro, apresentar nuances no tocante a diversos discursos e textos em que se manifesta, relativas a algumas *pregnâncias*. Mas o *núcleo de traços semânticos conceptuais*, definido pela intersecção de *conceitos* que constitui o *arquiconceito temático* assegura a *possibilidade de transcodificação, a intertextualidade e a interdiscursividade*. Ao mesmo tempo, o *arquiconceito* determina as *isotopias conceptuais* – que, no processo de semiotização, se convertem em *tematização* – e tem a *função* de um *critério de equivalência*, de um *tertius comparationis*, que justamente autoriza a *transcodificação, a intertextualidade e a interdiscursividade* já mencionadas, de tal forma que entre os discursos (processos) e os textos (produtos) estabelecem-se necessariamente as referidas relações interdiscursivas e intertextuais, precisamente porque subjazem àqueles discursos e textos – intraculturais ou interculturais – os mesmos *arquidiscursos* e *arquitextos* (Pais, 2001).

Isso nos autoriza a propor o seguinte esquema:

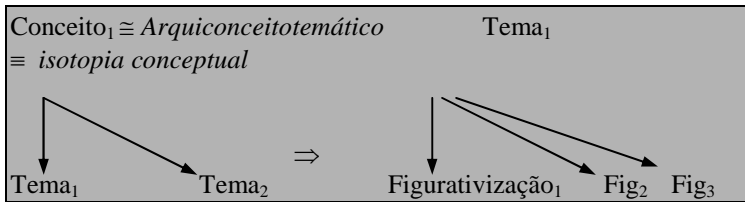


Figura 1: Do conceito e sua semiotização

Isso significa que, no percurso que vai da conceptualização à semiotização houve uma *seleção* de traços semântico-conceptuais e o correspondente recorte do recorte cultural pré-existente, *em função* das *constantes* e *coerções* características de universos de discurso. Noutros termos, as *pregnâncias* são redirecionadas.

Essa dominância de alguns elementos do *conceito* sobre outros constitui uma ‘escolha’ do Sujeito enunciator no processo de enunciação. Um dos aspectos que caracteriza a especificidade da cognição, em diferentes universos de discurso, são as distintas *pregnâncias* de um mesmo ‘fato’: cada universo de discurso apreende e reelabora certos traços semântico-conceptuais, deixando outros traços latentes. Conseqüentemente, o *conceito* vai ser tematizado e figurativizado, no nível semiótico, de acordo com as *pregnâncias* do Sujeito enunciator.

Quanto aos subconjuntos conceptuais suscetíveis de ênfase nos diferentes discursos, processo (B), diríamos que o discurso técnico-científico *tende a* privilegiar o *conceptus stricto sensu* – subconjunto dos traços que servem à conceptualização da semiótica natural - e, ainda, nos discursos que circulam na comunidade científica internacional, o *arquiconceptus*, multilíngüe e multicultural. O discurso literário *tende a* dar ênfase ao *metaconceptus* – subconjunto dos traços semântico-conceptuais culturais, produzindo simultaneamente, uma modificação do recorte cultural, própria de uma reconstrução particular do mundo semioticamente construído. O discurso político e o discurso jornalístico, por exemplo, *tendem a* destacar o *metametaconceptus*, subconjunto dos traços modalizadores, manipulatórios, em busca de *eficácia* discursiva. Esquemáticamente, temos:

| Universo de Discurso | <i>Modus operandi</i> conceptual | Tendência à dominância de subconjuntos conceptuais |
|---|----------------------------------|--|
| Discurso terminológico | eminenteiramente paradigmático | <i>conceptus stricto sensu arquiteconceptus</i> |
| Discurso técnico-científico | paradigmático-sintagmático | <i>conceptus stricto sensu arquiteconceptus</i> |
| Discurso literário | eminenteiramente sintagmático | <i>metaconceptus</i> |
| Outros Discursos sociais não-literários | eminenteiramente sintagmático | <i>metametaconceptus</i> |

Figura 2: Tendências de conceptualização

2. SEMIOTIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONCEITO

O quarto momento do percurso gerativo da enunciação de codificação é o da *lexemização*, que corresponde à conversão do *conceito* em *grandeza-signo*, *função semiótica* e/ou *funções metasemióticas*, ou seja, à passagem do nível cognitivo para o nível semiótico, à configuração do conceito em significação, precedente à sua atualização num discurso concretamente realizado.

Impõem-se, aqui, algumas observações. No processo de conversão do *conceito lato sensu* em unidade lexical, os três subconjuntos do primeiro – *arquiteconceptus*, *metaconceptus*, *metametaconceptus* –, transformados em semas lingüísticos, passam a constituir o *semema* dessa unidade lexical, o qual, em nível de sistema, caracteriza-se como *polissêmico* e, muitas vezes, *polissemêmico*, ou seja, o *sobressemema*, não só por conter os traços semânticos dos três subconjuntos citados, mas também por conter, eventualmente, traços semânticos de outros *conceitos lato sensu*. É o caso, por exemplo, da unidade lexical *peça*, considerada em nível de sistema.

Por outro lado, um *conceito* pode ser representado, nessa instância de semiotização, por uma ou várias unidades lexicais, respectivamente, campos lexicais unitário ou múltiplo, num mesmo texto ou em textos distintos.

De outro ângulo, uma unidade lexical pode integrar vários campos lexicais, em nível de sistema e de discurso, em função dos recortes que sustenta e da rede de relações que se estabelecem entre conceitos afins, nos diferentes universos de discurso. Assim, por exemplo, *liberdade* pertence a um campo semântico do discurso político, na expressão *liberdade, igualdade, fraternidade* e pertence ao discurso publicitário na expressão “*you tem mais liberdade usando o cartão de crédito x...*”. No primeiro caso, liga-se aos conceitos de ideal de democracia e Estado de Direito, no segundo caso, ao conceito de poder aquisitivo.

Observemos, ainda, que esses processos se realizam com qualquer tipo de unidades lexicais – simples, compostas, complexas, textuais -, que, nesse nível de sistema, integram a *instância de competência* que precede e autoriza a sua atualização num discurso manifestado.

No processo de contextualização, tem-se um *epissemema* (simultaneamente, com a redução dos semas do *sobressemema*, ou seja, a seleção determinada por uma situação de discurso e de enunciação, e o acréscimo de semas do contexto, na combinatória sintagmática), de que resulta a *semiose*. Nesse nível, as unidades lexicais do discurso manifestado que representam o mesmo *conceito lato sensu* podem ocorrer como função semiótica, ou como metassemiótica *lato sensu*.

É imprescindível não confundir mas distinguir, com toda a clareza, de um lado, as relações que se estabelecem entre subconjuntos de traços semântico-conceptuais do *conceito lato sensu*, que se situam no *nível semântico-cognitivo*, *relações intra e interconceptuais*, e, de outro lado, as *relações de significação*, que se estabelecem, por sua vez, no *nível semiótico*, entre *denotação* (*grandeza-signo*, ERC), *conotação* (*metáfora*, *metonímia*, (ERC)RC) e *metassemiótica propriamente dita*, ER(ERC)).

3. CONCLUSÃO

Constatamos a diversidade organizacional do *conceito*, com seus sucessivos conjuntos de traços caracterizadores - dos biológicos aos ideológicos -, bem como a existência do processo de neutraliza-

ção, também no plano conceptual, de que resulta o *arquiconceito*. Pudemos construir modelos que permitissem a descrição da estrutura dos *campos conceptuais unitário e múltiplo*, de seus respectivos *arquiconceitos, metaconceitos e metametaconceitos*, numa perspectiva mono e plurilíngüe. Pudemos, também, propor metodologia de engendramento de conceitos no domínio terminológico. O modelo foi aplicado à análise da formação do *conceito*, a fim de ressaltar a natureza multifuncional de *conceitos, campos conceituais, campos lexicais, campos terminológicos*.

Observamos, também, aspectos relevantes concernentes ao *modus operandi* conceptual e ao direcionamento das pregnâncias, como possíveis caracterizadores, dentre outros, de linguagens de especialidade, de discursos literários e de discursos sociais não-literários.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *Acta Semiotica et Linguística*. São Paulo, v.7, p. 25-44, 1998a.
- . Paradigmas de criatividade léxica. *Hommage à Mme. Le Professeur Simone Saillard. Textures. Cahiers du CEMIA*. Lyon, Département de Langues Romanes de l'Université Lumière Lyon 2, p. 385-405, 1998b.
- . Campo conceptual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações. *Revista brasileira de lingüística*. São Paulo, v. 10, p. 29-52, 1999.
- . Estruturas e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais. *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo, v. 8, p. 95-120, 2000.
- BÉJOINT, Henri; THOIRON, Phillippe *et al.* Notion d' "archi-concept" et dénomination. *Meta. Journal des Traducteurs*. Montréal, Presses de l'Université de Montréal, p. 512-523, 1996.

- CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empuries, 1993.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica do discurso científico. Da modalidade*. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: DIFEL-SBPL, 1976.
- PAIS, Cidmar Teodoro. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. *Revista brasileira de lingüística*. São Paulo, v. 7, p. 43-65, 1984.
- . *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Thèse de Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humaines. Paris/Lille: Université de Paris-IV, ANRT, 1993.
- . Conceptualisation, dénomination, désignation, référence: reflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde. *Hommage à Simone Saillard. Textures. Cahiers du C.E.M.I.A.* Lyon, Université Lumière Lyon 2, p. 271-311, 1998.
- . Semântica cognitiva, noêmica, semântica lexical e semiótica das culturas. SILVA, Dinorá Fraga da. e VIEIRA, Renata. (Orgs) – *Ciências cognitivas em semiótica e comunicação*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, p. 13-50, 1999.
- . Conceptualização, interdiscursividade, arquiteyto, arqui-discurso. *V Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. Livro de Resumos e Programação*. Rio de Janeiro: CiFE-FiL/ABF/UERJ, p. 67-68, 2001.
- POTTIER, Bernard. *Théorie et analyse en linguistique*. 2 éd. Paris: Hachette. 1991.
- . *Sémantique générale*. Paris: P.U.F., 1992.
- RASTIER, François. *Sémantique et recherches cognitives*. Paris: PUF, 1991.
- . Para uma poética generalizada. Tradução de C. T. Pais. *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo, v.8, p. 445-470, 2000.